



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **ESTAMOS NO LEMBO**

**Marcos Roberto Inhauser**

O limbo foi criado por São Gregório no século IV e depois aperfeiçoado por Tomás de Aquino, no século XIII. A sua criação se deve ao problema teológico enfrentado pela Igreja Cristã para dar um lugar às crianças que morriam sem ser batizadas e, portanto, segundo a doutrina sacramentalista católica, morriam pagãs. Antes da criação do limbo, elas eram “mandadas ao inferno”. Para lá a teologia também mandava os que viveram e morreram antes da vinda encarnada de Cristo. Agora podiam usufruir de um lugar menos ruim.

Por definição, o limbo era um local para onde iam as almas que não tinham ganho os méritos para serem salvas, nem tinham cometido pecados mortais. No limbo estariam privadas da presença de Deus. Seria um “lugar dos mortos”, o “seio de Abraão”, um estado de felicidade natural, mas não plena, ou um estado de sofrimento nos limites da suportabilidade. Não é à-toa que alguns, sarcasticamente chegam a dizer que o limbo é o mezanino do inferno.

Estas reflexões me vieram à mente por causa do momento em que estamos vivendo, com a onda de ataques desferidos por criminosos. À medida que as notícias chegavam, ia crescendo em mim a sensação de viver um “quase-inferno”, onde os governantes são bandidos, onde a lei é a do revólver e da pistola, onde os fins justificam os meios.

No vale-tudo desta situação limbosa, familiares dos presos são usados como reféns, o dia das mães se transforma em dia de terror, os gatos são mortos pelos ratos, inocentes pagam com a vida por causa do descalabro da falta de uma política nacional de segurança pública.

Nesta arena limbosa, descobre-se que as autoridades trouxeram para São Paulo os principais líderes da facção criminosa para “negociar” a não-realização dos motins. A polícia, através de seu departamento de inteligência (cujo QI deve ser medido, pois as evidências mostram sinais de imbecilidade), sabia do plano de ataques e rebeliões, mas não alertou seus soldados, nem tomou providências mais efetivas para impedir as visitas coletivas aos presídios no dia das mães, e para minimamente preparar a população.

Em meio às visões deste mezanino do inferno, lá estava o governador (que só agora descobrimos que havia sido eleito no limbo do Alckmin) a dizer que tudo estava sob controle, que tínhamos que acreditar nas nossas instituições, que o crime seria combatido com rigor.

Não é para menos, e para mim é emblemático, que seu nome seja Lembo. Estamos no Lembo! Que Deus nos salve, porque este Lembo tem a face do desânimo estampada na sua cara.